

AS REPRESENTAÇÕES DOS ESPAÇOS NORDESTE E DA “CULTURA DA MOBILIDADE” NA LITERATURA E NO CINEMA CONTEMPORÂNEO BRASILEIRO

Doutoranda Manoela Falconⁱ

Resumo:

O presente trabalho visa problematizar a atual representação dos espaços nordestinos na literatura e no cinema brasileiro contemporâneo. A partir da análise da trilogia literária do escritor Antônio Torres, do documentário 2000 Nordestes, de Vicente Amorim e David França e do filme ficcional Árido Movie, de Lírio Ferreira, busca-se discutir a relação fronteiriça entre o rural e o urbano, voltado para a atual condição de formação dos espaços, levando em consideração os fluxos e trocas produzidas pelo mercado. A reconfiguração de um nordeste brasileiro marcado pelo trânsito livre de acesso às novas tecnologias tem deslocado o significado deste espaço tão marcado por um imaginário de precariedades construído, tanto pela literatura modernista, quanto pelo cinema novo.

Palavras-chave: Espaços, Literatura e Cinema Brasileiro

1 Introdução

A reconfiguração de um nordeste brasileiro marcado pelo trânsito livre de acesso às novas tecnologias tem deslocado o significado deste espaço tão marcado por um imaginário de precariedades construído, tanto pela literatura modernista, quanto pelo cinema novo. Um olhar desconstrutor sobre a paisagem nordestina possibilita outras maneiras de apreender os modos de vida e organização social desta população, assim como as formas e noções de pertencimento habitadas na subjetividade dos indivíduos pertencentes a este espaço. O fácil acesso às novas tecnologias tem desafiado o próprio processo de compreensão das expressões espaciais da modernidade, sobretudo quando tratam das noções que envolvem o espaço urbano e rural contemporâneo. As tênues distinções que vem demarcando estes espaços surgem como consequência de processos sociais variados. As experiências fundadas na relação do indivíduo com o capital e as novas tecnologias têm gerado formas distintas de organização e visibilização dos espaços também na literatura e no cinema. A mobilidade obtida hoje reflete diretamente na maneira como é representado o lugar. Ao desfilarmos o traçado da “cultura da mobilidade” nas obras literárias e fílmicas vemos como a formação subjetiva dos espaços nordestes e o contínuo nomadismo nordestino não são mais realizados apenas em prol de um oásis, da fonte de água, mas de espaços informacionais, uma vez que os desejos estão sendo constantemente sonhados e produzidos pela cultura midiática formadora destes indivíduos.

2 Espaços Nordestes e a Cultura da Mobilidade

Pôs na boca, provou, cuspiu
É amargo, não sabe o que perdeu
Tem um gosto de fel, raiz amarga
Quem não vem no cordel da banda larga
Vai viver sem saber que mundo é o seu
Gilberto Gil

Em *Banda larga Cordel* o cantor e compositor Gilberto Gil metaforiza a condição existencial do sujeito contemporâneo à inserção na experiência cultural da mobilidade ao afirmar que o coração pede “Bim-bom, bim-bom, bim-bom, bim-bom” em sintonia com o ruído emitido pelos primeiros acordes das conexões de rede via telefonia discada.

O compositor coloca em evidência a necessária reflexão sobre a condição de inclusão dos sujeitos nessa cultura. Atento ao processo de distribuição e acessibilidade aos meios informacionais, sugere o alargamento emergencial desse processo em todo espaço brasileiro.

E o meu coração pediu assim, só
Bim-bom, bim-bom, bim-bom, bim-bom

Ou se alarga essa banda e a banda anda
Mais ligeiro pras bandas do sertão
Ou então não, não adianta nada
Banda vai, banda fica abandonada
Deixada para outra encarnação

Rio Grande do Sul, Germania
Africano-ameríndio Maranhão
Banda larga mais demografizada
Ou então não, não adianta nada
Os problemas não terão solução

Trazer algumas estrofes da canção *Banda larga cordel* para este texto implica numa proposta de redefinição dos processos narrativos sobre os espaços nordeste produzidos pela arte contemporânea, entre elas a literatura e o cinema. Analisando como corpus desta pesquisa a trilogia literária do escritor Antônio Torres a partir dos romances *Essa Terra*, *O cachorro e o lobo* e *Pelo fundo da agulha*, o filme *Árido Movie*, de Lírio Ferreira e o documentário *2000 Nordestes*, de Vicente Amorim e David França vemos como se re-constrói o espaço, ou melhor, a multiplicidade de espaços no atual nordeste brasileiro.

Nas primeiras imagens do filme *Árido Movie*, a representação da imagem do protagonista focalizada pelas câmeras do estúdio de um telejornal paulistano indica a transposição de imagens que tendem a construir uma nova representação da aridez. O árido desloca-se do espaço, enquanto lugar, para questionar a própria condição do sujeito, ser identitário em crise e exposto aos processos narrativos que redefinem as pessoas à medida que o tempo muda, e junto com ele as transformações causadas pelo caráter globalizador das atuais construções sociais, econômicas e históricas inerentes ao processo de globalização mundial.

O “*Estado de violência*” gerado pelo processo de modernização que não acompanhou as necessárias mudanças econômicas, sociais e também culturais, promoveu o que Nízia Villaça, em artigo intitulado *Apelos e apelações do contemporâneo* (VILLAÇA, 1996, p.18) considera como perda identitária causada pelo intenso desenvolvimento tecnológico e consequentes mudanças que os mesmos provocavam na maneira do sujeito se enxergar e enxergar o mundo em que vive. Para esta autora isso repercute também na forma como a literatura e a arte passam a representar o mundo.

E o que percebemos é que as alterações provocadas pelos novos aparatos tecnológicos, assim como a disposição da acessibilidade aos novos meios informacionais, modificaram também a criação dos processos estilísticos de representação do literário e do cinematográfico através das novas imagens projetadas dos espaços nordeste. Na trilogia do escritor Antonio Torres vemos explicitamente a forma como as citações e a escrita fragmentária promovida através da narração dos

fatos, dos lapsos de memória ou da frequente recorrência ao memorialístico, rompe com a noção de tempo.

Anacrônico, os romances contemporâneos passam a se apresentar como uma espécie de grande coleção de imagens, como uma espécie de colagem fotográfica que visa montar o mosaico dos “acontecimentos” de forma tão fragmentária quanto à expressão da vida que se orienta cada vez mais pelo espaço, não podendo ser mensurada pelo tempo. Essa lógica espacial tem sido reproduzida pelo contato direto com os meios tecnológicos (a televisão, o rádio, a internet, o cinema, entre outros). No romance intitulado *Pelo Fundo da Agulha*, que fecha a trilogia iniciada pelo escritor Antonio Torres em *Essa Terra*, o protagonista começa a embalar a narrativa através da imagem da mãe velhinha, enfiando a linha pelo fundo da agulha. As imagens produzidas pelo romance parecem passar sempre pelo mesmo orifício. Pelo fundo da agulha passam os fragmentos de vida e memórias narradas no romance, passam ainda o fluxo intenso de citações de romances, músicas, filmes, filósofos, escritores e ditos populares que permeiam a narrativa.

As três narrativas estão pautadas nas atuais condições de subjetivação do espaço/tempo contemporâneo. Nos romances de Torres podemos perceber que a questão da subjetividade perpassa tanto pelo “sujeito da escritura” quanto pelo “sujeito na escritura”, como adverte-nos Nízia Villaça em texto intitulado *Novas subjetividades*. O caráter autobiográfico das obras reflete a questão do sujeito autoral no texto, sem deixar de lado a questão do sujeito ficcional no texto, confirmando a perspectiva da obra literária enquanto representação da comunicação artística entre os sujeitos no texto e os sujeitos leitores, extra textuais, como propõe Bakhtin em *Marxismo e filosofia da linguagem*, (1979, p. 109). Para a autora as ‘Novas subjetividades’ são expressas nas obras apontando o caráter paradoxal da cultura contemporânea, se cada época corresponde a uma representação do indivíduo, para esta autora, as obras contemporâneas instalariam o campo de batalha entre os diferentes processos de construção do sujeito (VILLAÇA, 1996, p. 55).

Nesse sentido, verificamos que as obras literárias e fílmicas abordadas refletem o espaço/tempo de cidades que possuem suas dimensões físicas e informacionais. É a partir do contato entre as duas dimensões que são produzidas as subjetividades. Nos depoimentos do documentário *2000 Nordestes*, de Vicente Amorim e David França, percebemos o fluxo de informações que percorre os ambientes visitados. De acordo com as imagens projetadas em diversas localidades do nordeste, podemos perceber que “a cultura da mobilidade não é neutra nem natural”. (LEMOS, 2011, p.18). Os depoimentos dos indígenas de porto Seguro, na Bahia, difere dos depoimentos dos agricultores Cearenses ou dos seguidores do Padre Cícero. A produção subjetiva destes sujeitos está diretamente relacionada ao índice informacional que os mesmo possuem. Os espaços são produzidos a partir das dimensões da mobilidade assumida no local.

Em ensaio intitulado *Cultura da mobilidade*, André Lemos, professor e pesquisador em cibercultura, indica que

A mobilidade informacional-virtual tem impactos diretos sobre a mobilidade física e sobre o lugar e o espaço onde opera e vice-versa. Não podemos dissociar comunicação, mobilidade, espaço e lugar. A comunicação é uma forma de “mover” informação de um lugar para outro, produzindo sentido, subjetividade, espacialização. (LEMOS, 2011, p.17)

As obras literárias e fílmicas em questão vem deslocar o caráter homogenizador de configuração dos espaços nordestes na cultura contemporânea. As subjetividades nordestinas, seus sonhos e desejos, são construídos pelo acesso, ou melhor, a partir da possibilidade de contato com o mass mídia, a internet, o rádio, o cinema, enfim pela comunicabilidade que chega aos indivíduos. A relação entre os personagens delineados nas obras e o lugar que habitam perpassa diretamente pela

condição de mobilidade na qual estão inseridos. Muitos ainda estão inseridos no formato da mobilidade globalizada (relativa aos meios de transporte e comunicação do século XX), outros virtualizada, com acesso a internet através de dispositivos de conexão móvel e sem fio.

Em *2000 Nordestes*, as diferenças são facilmente percebidas, mapeamos sem dificuldades os depoentes que estão inseridos nestes tipos de mobilidades, e verificamos como a espacialização é construída em função dessa relação comunicacional. Concordamos com André Lemos, quando afirma que

No que se refere as mobilidades “globalizada” e “virtualizada”, a possibilidade de movimentação pelas informações – seja através dos mass media (tevé, rádio, imprensa) ou das novas mídias de função pós-massiva (redes, computador, celular) – vem criando, como espacialização diferenciada (construção social no espaço), novas territorializações e, conseqüentemente, novos sentidos de lugar. A história das mídias (e do desenvolvimento tecnológico como um todo) apresenta processos de produção do espaço, de subjetividade e de sociabilidade segundo o estado das artes, das técnicas e das culturas de determinada formação histórica da mobilidade. (LEMOS, 2011, p19).

Se no início do século XX a mobilidade se deu a partir do desenvolvimento tecnológico dos novos meios de transporte, hoje, os celulares com câmeras, note books e demais aparatos são extremamente necessários para repensarmos que produto social temos, levando em consideração a mobilidade dos nordestinos, ou melhor, como definir quantos tipos de mobilidade insere-se no atual contexto de ser nordestino? Como definir os espaços produzidos socialmente diante da atual mobilidade e do produto cultural que estes espaços nordeste refletem? Para a subjetividade nômade nordestina, a busca não se faz mais apenas em prol do oásis, da fonte de água, mas de espaços informacionais, pois os desejos são sonhados e produzidos pela cultura midiática formadora destes sujeitos nômades.

3 AS REPRESENTAÇÕES DOS ESPAÇOS NA TRILOGIA LITERÁRIA DE ANTÔNIO TORRES

Para pensarmos o espaço como o lugar praticado, vamos considerar o espaço da narrativa como aquele que traça um percurso e através das estruturas adotadas assumem valores de sintaxes espaciais. Como sugere Michel de Certeau em *Relações de espaços*,

Todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço. (...) Essas aventuras narradas, que ao mesmo tempo produzem geografias de ações e derivam para os lugares comuns de uma ordem, não constituem somente um ‘suplemento’ aos enunciados pedestres e às retóricas caminhatórias. Não se contentam em deslocá-los e transpô-los para o campo da linguagem. De fato, organizam as caminhadas. Fazem a viagem, antes ou enquanto os pés a executam. (CERTÉAU, 1994, p.200)

Para este autor, a forma como o mundo se coloca hoje descentraliza a tradição narrativa dos espaços descritos em torno dos heróis e dos mitos fundadores do Estado-Nação para o espaço subjetivo do sujeito e da forma como ele se relaciona com os lugares. As ações dos sujeitos são colocadas em evidência, e sua prática, realizada pela narrativa através dos relatos, transformam os lugares em espaços.

Nos romances de Antônio Torres podemos analisar a forma como o espaço é praticado e a partir das inferências feitas pelo narrador Totonhim, evidenciarmos os aspectos que transformam o lugar conhecido como Junco e/ou os espaços paulistanos descritos nos romances.

Ao citarmos o início das narrativas da trilogia de Torres, veremos como a estrutura narrativa confirma a lógica da utilização de indicadores de ‘percursos’ para a construção do relato em suas experiências narrativas.

— Se estiver vivo um dia ele aparece, foi o que eu sempre disse.

— O que foi que o senhor disse?

Naquela hora eu podia fazer uma linha reta da minha cabeça até o sol e, como um macaco numa corda, subir Poe ela até Deus — eu, que nunca tinha precisado saber as horas.

Era meio-dia e eu sabia que era meio-dia simplesmente porque ia pisando numa sombra do tamanho do meu chapéu, o único sinal de vida na velha praça de sempre, onde ninguém metia a cabeça para não queimar o juízo. Loucos ali só eu e o matuto com seu cavalo suado, que surgiu como uma aparição dentro de uma nuvem de poeira, para deter minha aventura debaixo da caldeira de Nosso Senhor.

(TORRES, 2005, p. 9)

É a partir destes relatos do cotidiano e das experiências dos sujeitos com o seu tempo que as cidades, as pessoas, os acontecimentos e lugares vão sendo inseridos numa complexa relação que envolve os personagens no e com o lugar. A representação das formas de viver e os modos de uso e apropriação do espaço produzem no território do Junco outros significados para a experiência vivida. O narrador não precisa mapear o espaço daquele território como um ambiente seco, tão típico à paisagem geográfica do nordeste descrita nos romances modernistas da década de 30, para indicar as condições e hábitos que ainda permanecem no local. Ao citar a necessidade do uso do chapéu e fazer referência à aventura que se realizava “*debaixo da caldeira de Nosso Senhor*”, o narrador indica o **percurso** da narrativa ante ao processo descritivo de mapeamento da mesma.

Antônio Torres, ao escolher estruturar a narrativa através do ‘percurso’, propicia aos seus leitores o descortinamento dos espaços nordestes pela ótica da ampliação dos significados construídos. E ao transformar sua observação de lugar em discurso, faz com que o sentido dos espaços nordestes seja apreendido e desenvolvido pelos seus leitores.

Conclusão

As obras de Torres e as narrativas cinematográficas analisadas não chegam a dessacralizar os espaços nordestes, mas possibilitam a abertura para leituras que podem ser vinculadas a uma rede de produção de subjetividade que está associada a uma produção global/ local/ individual. Como assinala Foucault, a vida cotidiana ainda é significativamente marcada por demarcações de espaços naturalizados, “... *espaço privado/espaço público, espaço família/espaço social, espaço cultural/ espaço útil, espaço de lazer/ espaço de trabalho; todos são movidos por uma secreta sacralização.*” (FOUCAULT, 1984, p.413)

Fugindo à regra da sacralização do espaço nordeste enquanto lugar seco, que empurra grande parte dos habitantes para o sul do país, o foco das obras gira em torno do sujeito nordestino, que desarticula e desestabiliza o lugar comum das narrativas que evidenciam apenas a representação social da região brasileira.

Em *O Cachorro e o Lobo*, o romance começa assim:

Eis-me de regresso a essa terra de filósofos e loucos, a começar pelo meu pai, que disso tudo tem um pouco.

E se aqui estou é por causa dele mesmo. Ou melhor, dos seus oitenta anos. Foi uma festa de arromba, me disseram. No dia seguinte! (TORRES, 1997, p.7)

O narrador, ao associar à terra o título de um lugar de filósofos e loucos, inserindo o pai no

perfil descrito, traça na narrativa uma série de passagens que reflete o cotidiano da vida dos sujeitos narrados, o compartilhamento dos hábitos adquiridos, as atitudes e rotinas que delinham a forma particular de construção e conhecimento do mundo.

O escritor, enquanto contador de histórias, não deixa de ativar em suas obras a possibilidade de vislumbrarmos, a partir do seu relato, o estudo dos espaços praticados, como sugeriu Certeau. E assim, este texto, retomando o começo do romance, e a ideia de mobilidade perseguida por todos os personagens tratados nas obras em questão, sejam eles reais ou fictícios, aponta para as aberturas dos fluxos a partir das formas de mobilidade experimentada no nosso cotidiano, para volta e meia dizermos: *Eis-me de regresso a essa terra de filósofos e loucos...*

Referências Bibliográficas

- 1 BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.
- 2 BEIGUELMAN (org.); LA FERLA (org.). **Nomadismos Tecnológicos**. São Paulo: Ed. Senac, 2011.
- 3 CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- 4 TORRES, Antônio. **Essa Terra**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- 5 TORRES, Antônio. **O cachorro e o lobo**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- 6 TORRES, Antônio. **Pelo fundo da agulha**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- 7 VILLAÇA, Nizia. Apelos e apelações do contemporâneo. In: _____. **Paradoxos do pós-moderno: sujeito & ficção**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- 8 VILLAÇA, Nizia. Novas Subjetividades. In: _____. **Paradoxos do pós-moderno: sujeito & ficção**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- 9 **MOVIE**, Árido. Direção: Lirio Ferreira. Produção: Murilo Sales e Lirio Ferreira. Intérpretes: Guilherme Weber, Giulia Gam, José Dumont, José Celso Martinez Corrêa e outros. Roteiro: Hilton Lacerda, Sergio Oliveira, Lirio Ferreira e Eduardo Nunes. Música: Otto Berna e Ceppas Kassin Pupillo. Brasil: Europa Filmes, c. 2006. 1 DVD (118 min), Dolby, colorido. Produzido por Videolar S/A.